

REleituras

Vícios e virtudes

Dawisson Belém Lopes



Cabeças pensantes, dentes postiços – É do grande Octavio Paz a reflexão de que a América Latina careceu, em seu processo histórico, de um século XVIII. Não que o tempo não tivesse chegado a esta porção da Terra. Formalmente, ele até passou por aqui, deixando marcas tão profundas e duradouras quanto as disputas por territórios entre Portugal e Espanha deixam entrever. Só que, por “século XVIII”, Paz obviamente não fazia alusão à materialidade. Era a efervescência cultural do período o que tinha em mente. Um tributo estava sendo prestado à força das idéias e dos ideais que moveram homens como Locke, Montesquieu, Voltaire, Jefferson, Kant, Rousseau... É esse o século XVIII que o pensador mexicano pretendeu para a América Latina. O século XVIII que fez da razão, Razão.

E se, por detrás dos véus, dos mitos e das épicas narrativas de historiadores grandiloqüentes, alguém ousasse demonstrar os aspectos mais banais – porém, não menos constitutivos – desse mesmo século XVIII? Por exótica que pareça uma tal abordagem, ela existe, e nos foi proporcionada, com elegância e senso de humor, pelo americano Robert Darnton, professor de Princeton. O historiador visitou, em *Os dentes falsos de George Washington* [Companhia das Letras, 2005], a comédia da vida privada de um Washington – o mítico primeiro presidente americano que, para posar para as fotos oficiais, enchia a boca de algodão, escondendo a maior de suas carências: a dentição. Mostrou-nos um Rousseau dado à charlatanice, que, para sobreviver, chegou a coletar “contribuições” à Igreja Ortodoxa Grega, sob a suposta finalidade de restaurar o santo sepulcro de Jerusalém. Deu-nos a conhecer um Voltaire viciado em café, que buscou em vida a sua *Cunegundes*,²² não em forma humana, mas na sublimada concepção de “civilização”. O próprio Darnton adverte, no subtítulo da sua obra, tratar-se de “um guia não-convencional para o século XVIII”. Esse século XVIII – ah! *Esse século XVIII não-convencional*, até a América Latina há de ter experimentado...

Comer, comer – Molière, o dramaturgo francês, inverteu os termos do provérbio, dizendo: “é preciso viver para comer, e não comer para viver!” Rabelais, seu patrício, já dizia, de muito antes, que dois impulsos guiam o ser humano: o sexo e a vontade de comer. Deixemos o sexo de lado, por um instante. Resta a comida – elemento dos mais reveladores da nossa História comum. “Você é o que você come”, certo? Quase. Mais uma vez, é importante cotejar os chichês que nos cercam. Em alguns casos, você pode se tornar justamente... o que você *não come*! Felipe Fernández-Armesto, professor de Oxford, narra, em *Comida: Uma História* [Record, 2004], um pouco do comportamento alimentar de Ghandi, personagem central à história do século XX. O mahatma desprezava o ato de cozinhar, e experimentava frutas e nozes, leite de cabra e tâmaras, em busca de uma dieta satisfatória que pudesse ser comida *sem o cozimento*. Ghandi foi quem mais fortemente inspirou, em seus seguidores ocidentais, um primitivismo romântico nos hábitos alimentares. Hoje, o preconceito em favor daquilo que é “natural” – e, portanto, supostamente pré-cultural – torna a comida crua atraente aos urbanos modernos, que têm aversão à vida demasiado planejada e buscam a readmissão no Paraíso. Ao primitivismo romântico, aliou-se a ansiedade ecológica, inspirada pelo pavor que desperta a perspectiva – nem tão remota assim – do “Armagedon ambiental”. A propósito: você já checou a extensão do buraco da camada de ozônio *hoje*? E a vazão de gelo glacial derretido, já olhou?

Agüinha que passarinho não bebe – A bebida típica da Rússia tem muito a dizer sobre história e comportamento do seu povo. *Vodka* significa, no idioma russo, “agüinha”, um diminutivo para água (*vodá*). O seu fabrico começou no final do século XV, sendo usada, originalmente, como remédio. Logo, sucedeu ao vinho e à cerveja nos objetivos, digamos, *inebriantes*. O florescente Estado centralizado de Moscou assumiu para si o monopólio da produção e venda da vodca. Até as tabernas eram propriedade do czar! A Igreja Ortodoxa, que antes utilizava a vodca como substituto para o “vinho eucarístico”, perdeu o direito de produzir a bebida no século XVII – e passou, em decorrência da proibição, a condená-la abertamente, bem como toda forma de embriaguez. Em vão. No período de Pedro, o Grande, o hábito de consumir vodca já era tradição nacional consolidada. Haja vista que, a partir de 1721, cada soldado russo passou a receber uma ração de um litro e meio de vodca por dia. Durante a Primeira Guerra, foi também a “agüinha” que garantiu o torpor alcohólico dos russos. Até o partido bolchevique, inicialmente fomentador de ideologia antialcohólica, cedeu aos encantos da “agüinha”,

²² A musa de *Cândido*, ou o otimismo, de Voltaire.

(re)monopolizando a sua produção, em 1924, e abastecendo, com a vodca, o Exército Vermelho na Segunda Guerra, de 1943 em diante. A vodca passou, aos poucos, de símbolo de união nacional a objeto de disputas políticas e econômicas. No período posterior à União Soviética, apesar da ampla reestruturação capitalista por que passou a Rússia, a vodca manteve-se monopólio estatal.

A mais internacional das drogas – A cocaína ostenta possivelmente esse título. Isolada na segunda metade do século XIX pelo químico austríaco Albert Niemann, ganhou reputação mundial como excitante, euforizante e estimulante mental e corporal. Após a década de 1970 – especialmente, nos anos *yuppies* de 1980 -, tornou-se a droga das novas camadas ascendentes da elite financeira. Nesse período de *boom econômico* (era Reagan/Tatcher), o tráfico de cocaína para os Estados Unidos foi praticado por diversos setores – inclusive órgãos militares e de informação do próprio governo. O escândalo Irã-Contras e as acusações que levaram tropas estadunidenses a invadir o Panamá e capturar Noriega (ex-agente da CIA) dão boas mostras disso. Na Bolívia, o golpe de Estado do general García Meza, em 1980, conduziu a uma fusão direta entre tráfico e Estado – mecanismo que se sucedeu, em maior ou menos escala, também em Colômbia, México, Peru, Panamá. Folclore e fortuna foram criados por intermédio da cocaína. Personagens lendários como Pablo Escobar ainda povoam o imaginário coletivo. Inegável, contudo, é como a cocaína percorre e alimenta todo o sistema financeiro internacional, chegando a representar, em alguns países, o verdadeiro motor da economia nacional. E quem consome toda essa produção? Elementar! O maior mercado consumidor do mundo – os Estados Unidos da América. Para melhor entender a “equação”, ver a *Pequena Enciclopédia da História das Drogas e Bebidas* [Campus, 2005], de Henrique Carneiro.

Vícios privados, virtudes públicas? – Olhe fixamente a ilustração abaixo, de autoria de Theodore De Bry (*circa* 1592), sobre as experiências do aventureiro alemão Hans Staden, capturado por índios tupinambás brasileiros, praticantes da antropofagia, em pleno século XVI. Compare a ilustração com as informações de que dispõe sobre a atual crise política brasileira. E responda mentalmente, sem pestanejar: Bernard de Mandeville²³ tinha razão?



OBRAS:

- CARNEIRO, H. *Pequena Enciclopédia da História das Drogas e Bebidas*. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- FERNÁNDEZ-ARMESTO, F. *Comida: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- DARNTON, R. *Os dentes falsos de George Washington*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

²³ A quem se atribui a máxima liberal “vícios privados, virtudes públicas”.